



Otto Rank

PSICANÁLISE

# A formação poética da fantasia e textos selecionados

**Blucher**

A FORMAÇÃO POÉTICA  
DA FANTASIA E TEXTOS  
SELECIONADOS

Otto Rank

*Tradução*

Pedro Fernandez de Souza

*A formação poética da fantasia e textos selecionados*

© 2024 Otto Rank

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenador editorial* Rafael Fulanetti

*Coordenação de produção* Andressa Lira

*Produção editorial* Ariana Corrêa

*Preparação de texto* André Yuri Gomes Abijaudi

*Diagramação* Negrito Produção Editorial

*Revisão de texto* Rodrigo Botelho

*Capa* Laércio Flenic

*Imagem da capa* Vanderlei de Souza Jr.

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

[contato@blucher.com.br](mailto:contato@blucher.com.br)

[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rank, Otto

A formação poética da fantasia e textos selecionados / Otto Rank ; tradução de Pedro Fernandez de Souza. – São Paulo : Blucher, 2024.  
176 p. : il.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2206-4

1. Psicanálise e literatura 2. Análise do discurso  
I. Título II. Souza, Pedro Fernandez de

24-4271

CDD 801.92

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise e literatura

# Conteúdo

Introdução	
A Ciência de Otto Rank	7
<i>Janaina Namba</i>	
Nota do tradutor	15
<i>Pedro Fernandez de Souza</i>	
O sentido da fábula de Griselda (1912)	19
A “peça de teatro” em “Hamlet” – Uma contribuição para a análise e compreensão dinâmica da poesia (1915)	43
Homero: contribuições psicológicas para a gênese da épica popular (1917)	63
A épica popular – Contribuições psicológicas para a sua gênese: II. A formação poética da fantasia (1919)	125
Posfácio	
Os textos possíveis e os textos impossíveis	161
<i>Pedro Fernandez de Souza</i>	

# Introdução

## A Ciência de Otto Rank

*Janaina Namba*

*A ciência da abelha, da aranha e a minha  
Muita gente desconhece...*

João do Vale

Não é exagero dizer que, mais de um século depois, a *ciência* de Otto Rank permanece desconhecida de muita gente – embora não dos leitores da série pequena biblioteca invulgar, que ora vem abrigar este volume *A formação poética da fantasia*.

Se no volume *Poesia e mito*, também desta coleção, podemos encontrar o Otto Rank suprimido de uma das principais obras do *corpus* freudiano, *A interpretação dos sonhos*, em que, entre 1914-1922, figurou como autor dos textos “Sonho e poesia” e “Sonho e mito”, no presente volume encontramos um autor que se apropria da teoria psicanalítica, voltado para a aplicação de conceitos psicanalíticos à literatura, em particular à poesia e à épica populares. É o que explica Freud, no “Resumo da psicanálise”, em 1924:

*A psicanálise nos diz também que outra parte da  
produção psíquica, particularmente estimada, serve*

*à realização de desejos, à satisfação substitutiva dos desejos reprimidos que, desde a infância, habitam insatisfeitos a alma de cada pessoa. Entre essas criações – cujo nexó com um inapreensível inconsciente sempre foi suspeitado – estão os mitos, a literatura e a arte; e, de fato, o trabalho dos psicanalistas lançou bastante luz sobre os campos da mitologia, dos estudos literários e da psicologia do artista. Basta mencionar a obra de Otto Rank como exemplo. (Freud, 1924/2011, p. 248)*

Esse texto surgiu no mesmo ano em que Rank publicou “O trauma do nascimento” (1924), livro que, nas palavras de Caio Padovan (2023), irá “catalisar o divórcio” (p. 29) – quiçá inevitável – entre o mestre e mais um de seus discípulos. O rompimento entre ambos e o afastamento de Rank do “movimento psicanalítico” deixará um gosto amargo de parte a parte. Freud contava, no início, com um ajudante leal e zeloso que chegou a ele com um manuscrito sobre uma leitura psicológica da arte bastante peculiar, e que, não muito tempo depois, viria a se tornar um verdadeiro colaborador teórico e clínico (Taft, 1958, p. 54).

O manuscrito referido por Freud será publicado como *O artista*, em 1907, e passará por diversas modificações, sendo reeditado em 1918 e 1925. Essa última edição contará com o acréscimo de seus estudos literários, e ganhará o título *O artista e outras contribuições da psicanálise para a criatividade literária*. Em 1932, Rank publica ainda o que talvez seja a versão definitiva (ampliada e modificada) do livro, sob o título de *Arte e artista: impulso criativo e desenvolvimento da personalidade*. Embora nessa época Rank já estivesse afastado do núcleo originário do movimento psicanalítico, suas ideias encontrarão ressonância na França e nos Estados Unidos.

No prefácio do livro de 1932, *Arte e artista*, Rank declara que toma o “impulso criativo humano” como motor da expressão, não apenas da obra de arte, mas da religião, da mitologia e das instituições sociais, em suma, como impulso produtivo da cultura em geral: “a obra de arte de um estilo particular de época deve ser vista como uma forma-de-expressão” (Rank, 1932/1989, p. xiii). As formas-de-expressão da cultura humana estariam, portanto, relacionadas às origens do impulso criativo.

Anais Nin, na apresentação dessa mesma obra, chama a atenção para a teoria de Rank sobre a “unidade da obra de arte”:

*O artista é o mesmo em seus efeitos e na sua criação, o que implica uma unidade espiritual entre ele e o destinatário da obra. Embora de maneira temporária e simbólica, isso produz satisfação, o que sugere que, mais do que uma simples identificação entre dois indivíduos, o que existiu e se perdeu é a potência de restauração de uma união com um cosmos . . . Já nessa fase inicial de individualização, a criança não só se encontra de fato unida à mãe, mas também ao mundo, formando uma unidade com o Cosmos . . . O desejo individual de restauração dessa unidade perdida é um fator essencial na produção dos valores culturais. (Rank, 1932/1989, p. ix)*

Este livro contém quatro textos de Rank publicados entre 1912 e 1919 na revista *Imago*, fundada por ele e por Hans Sachs. Em ordem cronológica, temos “O sentido da fábula de Griselda” (1912); “A ‘peça de teatro’ em ‘Hamlet’: uma contribuição para a análise e compreensão dinâmica da poesia” (1915); “Homero: contribuições psicológicas para a gênese da épica popular” (1917), e “A épica popular – contribuições psicológicas para a sua gênese: II. A formação poética da fantasia” (1919).

Algo importante a se notar no texto “A peça de teatro em ‘Hamlet’” é a ênfase dada à “surpresa” do protagonista diante da peça encenada internamente à tragédia de Shakespeare. Ele se identifica com o assassino, ao tentar buscar no tio (Cláudio) alguma expressão que pudesse condená-lo como o verdadeiro assassino de seu pai. A peça passa a ter, ela mesma, um “caráter de compromisso”, e mostra, por meio dessa peça interna, disfarçadamente, os desejos sexuais incestuosos e assassínios que movem Hamlet.

O incesto também é o principal tema de “A fábula de Griselda”. Rank já havia mostrado como o tema do incesto é concebido de maneira inconsciente. Griselda não sabe que passa por uma provação e deveria ajudar na montagem do casamento de seu ex-marido, o Marquês, mesmo depois de ter tido seus filhos tomados e sido expulsa de casa por ele. A montagem da cena do casamento feita pelo Marquês envolve não apenas a provação cruel de sua esposa Griselda, mas deixa implícito seu desejo incestuoso pela própria filha, ainda bastante jovem. O pai não se casa com a filha. Confessa a encenação, antes mesmo da consumação do ato. Opera nessa confissão o mecanismo de recalque, proveniente do “estrato anímico” que se liga à realidade exterior e, portanto, à consciência. Os desejos incestuosos inconfessados viriam dos estratos mais internos, do inconsciente. Além dos elementos que se pode depreender a respeito da repressão e dos desejos incestuosos presentes na fábula, ela expõe as feições eróticas e fantasiosas das relações parentais, como Freud apresentara nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905).

Para Rank, as fábulas e lendas mostram uma multidão de figuras que se enraízam na fantasia e no Inconsciente. Em “O sentido da fábula de Griselda”, ele mostra como os poetas, individualmente, “em virtude do acento dos seus próprios complexos inconscientes, chegaram a esclarecer e a sublinhar certos traços incestuosos do material a eles transmitido” (p. X deste volume) pela mitologia.

Esses poetas, além de criadores, seriam também “irradiadores”, ou “reprodutores” das épicas populares. Rank aborda a Épica *popular* privilegiando uma leitura “puramente psicológica” (“Homero: contribuições psicológicas para a gênese da épica popular”) desse tópico, seja nas produções individuais de um único artista, seja em produções coletivas. Rank realiza um minucioso levantamento da literatura filológica, para mostrar que, enquanto alguns autores supõem que as “Grandes Epopeias”, como a grega, a indiana ou a francesa, devem ser atribuídas a um “indivíduo artístico”, outros preferem pensar que seriam poemas elaborados coletivamente, compostos por muitos redatores individuais (o que afasta Rank das hipóteses depois formuladas sobre a autoria dos poemas por rapsodos).

Homero é um ótimo exemplo de todas essas suposições, pois ora os estudiosos de sua obra sugerem que tenha existido um único autor para a *Iliada* e para a *Odisseia*, ora sugerem que esses poemas tenham sido realizados por muitas mãos ao longo do tempo. Sem se deter em se há ou não um consenso sobre a autoria, Rank ressalta a posição de Wundt: se por um lado parte da transmissão não pode ser explicada pelas “insuficiências históricas”, tais insuficiências podem ser sanadas pela possibilidade de análise de uma transmissão psicológica. Com isso, coloca em primeiro plano a problemática que mais lhe interessa: “de que modo a fantasia poética foi influenciada pelo legado tradicional de material lendário, subsistente por motivos históricos, e pelos temas [*Motive*] e formas míticas e poéticas herdadas” (“Homero”).

No texto que pode ser considerado uma segunda parte da Épica popular, Rank trabalha com a ideia de que as “lembranças encobridoras” calcadas em fantasias formuladas precocemente pelo indivíduo adulto já estariam presentes da mesma maneira no gênero épico. Isso porque a psicanálise pôde mostrar que a “maioria das memórias infantis mais importantes são ‘feitas’ pelo adolescente

nos anos da pré-puberdade e nisso são submetidas a um complicado processo de reelaboração, o qual, segundo Freud, ‘é análogo à formação de lendas de um povo a respeito da sua pré-história’ (“A épica popular – Contribuições psicológicas para a sua gênese”). Se o poeta, individualmente, possui uma personalidade que carrega tendências oriundas de uma tradição vigente em seu passado infantil, a épica seria ela mesma a expressão de uma tradição vigente em tempos primevos.

De um modo geral, esses textos recuperam temas tratados desde 1906 e de *O artista*, de 1907. Se eles mostram que Otto Rank era um homem culto e dedicado à elaboração teórica dos textos, como podemos ver no minucioso trabalho de elaboração de uma teoria psicológica em torno da Épica popular e da análise do indivíduo poético em torno de Homero, não parece ser essa a impressão que alguns de seus colegas médicos tiveram quando assistiram à sua primeira conferência pública, quando já era secretário e redator das atas da Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras, que se reunia em Viena em torno de Freud (em especial essa reunião contava com a participação de dezessete pessoas, dentre as quais Alfred Adler, Max Kahane, Paul Federn, Wilhelm Steckel e Otto Rank).

A conferência de Rank, “O drama do incesto e suas complicações”, foi apresentada em duas partes que ocuparam três sessões, em outubro de 1906, sendo publicada apenas seis anos depois. Apesar de contar com a simpatia e concordância de Freud e Adler, a conferência foi alvo de duras críticas por uma parte do grupo, que viu neste trabalho um “prolongamento supérfluo do fato descoberto por Freud” ou então uma “compilação de casos de incesto na literatura” (Checchia, Torres, & Hoffman, 2017, p. 54). Mas a opção de Rank por apresentar uma amostra significativa de casos de incesto na literatura revela, na verdade, outro estilo de pesquisa e outro modo de comprovação da psicanálise como uma ciência

– e ambos, diga-se de passagem, muito originais. Ou, como ele mesmo diz:

*há uma concordância de certos fenômenos presentes nos mitos e na arte com aqueles observados nas psico-neuroses. Essa descoberta, contudo, não deve ser exposta desde o início ao leitor; deve-se antes, partir de uma base geralmente aceita – neste caso, da pesquisa das fontes literárias e históricas – para então conduzi-lo à fronteira da psicanálise, sem perder de vista que cada passo nessa direção é por si só arriscado. (Checchia, Torres, & Hoffman, 2017, p. 62)*

Este volume oferece ao leitor a oportunidade de se aprofundar na leitura de Rank e redescobri-lo, por conta própria, como um pensador original e um escritor vigoroso, que exprime suas ideias com clareza e determinação. Essas qualidades são captadas pela tradução de Pedro Fernandez de Souza, que, ao se somar à feita por Natan Schäfer para esta coleção, mostram um Otto Rank profundamente enraizado na psicanálise nascente. Quem sabe se esse interesse renovado pela sua obra não seja um bom momento para reinseri-lo no rol dos autores clássicos da teoria psicanalítica?

## Referências

- Checchia, M., Torres, R., & Hoffman, W. (Orgs.). (2017). *Os primeiros psicanalistas: Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena 1906-1908*. (Vol. 16, M. M. M. Silva Trad.). Hedra.
- Freud, S. (1924/2011). *O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. In *Obras completas* (Vol. 16, P. C. de Souza Trad.). Companhia das Letras.

- Padovan, C. (2023). A outra interpretação dos sonhos. In P. S. de Souza Jr. (Org.), *Poesia e mito: os textos que Freud banuiu de A interpretação dos sonhos*. (pp. 9-36, N. Schäfer Trad.). Blucher.
- Rank, O. (1932/1989). *Art and Artist: Creative Urge and Personality Development*. (C. F. Atkinson Trans.). W&W Norton & Company.
- Taft, J. J. (1958). *Otto Rank; a biographical study based on notebooks, letters, collected writings, therapeutic achievements and personal associations*. Julian Press.

# Nota do tradutor

*Pedro Fernandez de Souza*

Nesta obra, compilam-se quatro textos de Otto Rank publicados entre 1912 e 1919 na revista *Imago*, fundada por ele e Hanns Sachs em 1912 e editada por Sigmund Freud. Como diziam Rank e Sachs no texto de abertura da revista, em seu primeiro volume, o periódico tinha por objetivo a publicação de pesquisas de aplicação da psicanálise às chamadas “ciências do espírito” (*Geisteswissenschaften*), hoje mais conhecidas como “ciências humanas”.

Os quatro textos aqui compilados não formavam originalmente, portanto, uma unidade. Se os publicamos em conjunto, é porque têm um tema comum: a leitura psicanalítica de textos literários. Com efeito, Otto Rank era um “homem de letras”, formado Doutor em Filologia em 1912 com uma tese sobre a “lenda de Lohengrin”, a primeira pesquisa acadêmica feita com base metodológica psicanalítica.

Apenas os dois últimos textos constituem a primeira e a segunda parte de um projeto mais extenso de Rank, que visava redigir uma longa obra a respeito da “épica popular”. Eles haviam sido escritos em 1916, mas sua publicação foi postergada para 1917 e 1919, respectivamente, por conta da guerra em curso. Somente

eles foram efetivamente concluídos e publicados, de modo que não sabemos exatamente a “solução” que Rank pretendia fornecer ao problema da formação da “épica popular”, embora ele dê vários indícios dessa solução ao longo dos dois textos finais desta coletânea.

Uma nota ao texto “Homero”, o de 1917: nele, Rank elabora uma espécie de “revisão bibliográfica” do problema homérico, apontando os argumentos e contra-argumentos dos autores envolvidos, bem como as suas contradições e aporias consequentes. O texto pode resultar distante do leitor moderno, que verá um desfile de hipóteses – aparentemente – mirabolantes a respeito dos poemas homéricos: rapsodos a cantar juntos as lendas do povo; poetas interpoladores, a copiar e adulterar os textos homéricos originais; o homem Homero se desfazendo em inúmeros poetas compiladores, cujos prenomes se perderam para sempre; e assim por diante. Tanto é que os filólogos citados por Rank tentaram estabelecer o que era “original” nos textos de Homero, retirar suas supostas interpolações posteriores, e inclusive reconstituir a “língua original” dos poemas homéricos (escritos, é fato, numa língua jamais falada em sua inteireza por povo grego algum). Se não soubéssemos que o texto de Rank não é fictício, cogitaríamos tratar-se de um conto borgiano, ou algo do tipo. O fato é que Homero é uma questão até hoje: nos dias atuais, de computadores e bibliotecas virtuais, os homens de letra ainda não deixaram de discutir e rediscutir a cálida “questão homérica”.

A solução que Rank fornece ao problema, genérico, da composição literária reside na lei da tripla temporalidade, descrita por Freud, da formação de memórias e da formação de fantasias. Trata-se da estrutura psicológico-temporal da fantasia, usada para fabricar, moldar, forjar, em suma, dar *forma* a uma obra de arte. Não é menos curioso notar, por fim, que essa mesma atividade também está em ação nas fantasias científicas – mas não menos fantasiosas – dos acadêmicos a dissolver Homero, a imaginar miríades de

poetas anônimos e interpoladores, a realocar, palavra por palavra, o idioma homérico à sua “língua original”. Haveria muito mais fantasia na ciência – ou muito mais ciência na fantasia – do que alguns espíritos supostamente realistas mostram-se dispostos a admitir...

Nesta tradução, procuramos manter o estilo original de Rank, marcado por frases extensas, recheadas de apostos e complementos nominais e adjuntos adnominais, e permeado por palavras de “estilo elevado” e mesmo por raros neologismos. No entanto, se os textos saírem áridos ou insuaves, a culpa é menos de Rank que de seu tradutor, ainda novato neste ingrato ofício.



Nos quatro textos compilados neste livro, até então inéditos em português, o leitor terá acesso ao estilo e método com que Otto Rank analisava obras literárias, manejando com rigor e criatividade o conceito freudiano, central, de *fantasia*.

“No entanto nós, os nascidos muito tarde, os netos sobrecarregados com todos os avanços mas também com todos os achaques das gerações transidas, estamos incumbidos de encontrar em nosso interior o reequilíbrio para todas as emoções antagônicas cuja manifestação determina ainda o destino do indivíduo, dos povos e, por fim, da humanidade, de forma tão inalterada ainda hoje como proclamam as poesias épicas de milênios passados, muito antes que nós estivéssemos aqui para escutá-los, e ainda muito depois que o bramido intrusivo do presente se houver esvanecido em nossos ouvidos fatigados” (Rank, em “Homero: contribuições psicológicas para a gênese da épica popular”).

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2206-4



9 788521 122206 4



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## A formação poética da fantasia e textos selecionados

---

Otto Rank

ISBN: 9788521222064

Páginas: 176

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024

---